

3ª PARTE

POESIA

*De Everton Alencar*¹

O ESPELHO DA CONDESSA

(Balada)

Vera Luccia del’Anima, a Condessa.

De Veneza era o sol, ativa e bela;

Mirava-se no espelho, qual na tela

O pintor faz que a vida apareça

Jovem, desejada, voluptuosa;

Nem de Narciso o olhar brilhava tanto.

Não pertence ao instante, qual a rosa

Que o fim da tarde vem fadar-lhe o encanto.

A alcova luxuosa e ela, despida,

Olhava-se... A Beleza em seu poder!

Aquela Luz teria sempre a vida?

Olhava-se... e o dia a fenecer...

“Que te parece, amor, não sou divina?”

Ela indaga ao amante, que a fitava.

E o seu cabelo a brisa vespertina

Pela janela, suave, afagava...

Silencioso, o amante, reclinado

¹ Professor da Universidade Estadual do Ceará

Tinha a visão mais pura e cristalina.
Mas a Verdade o manteve calado.
“Que te parece, amor, não sou divina?”
Outra vez perguntou, quase nervosa;
Mas ele silenciou. Fixo o olhar.
Ele tinha a alma antiga e tortuosa;
Funda tristeza o fazia sonhar...

“Não me respondes! Já de mim te enfadas?
Quero ouvir teus secretos pensamentos.
Que palavras tão sérias na alma guardas?
Por que ao olhar-me mostras desalentos?”

Disse o amante: “Esta que vês não és!
Os olhos enganam e a carne mente.
Há algo maior. Sequer chega aos pés!
O espelho oculta e te confunde a mente.

Não és esta beleza que em poeira
Um dia a terra te há de tornar.
És Alma e não a sombra derradeira;
És Sol e não a vela a se apagar!

Não te engane a vaidade, brisa vã.
São apenas centelhas os sentidos.

Além do corpo há um profundo afã,
A Música de sons jamais ouvidos!

A que amo jaz em ti, doce semente,
Que há de florir quando a morte passar.
Pois esta não és tu. Estás ausente.
A morte e não a Vida estás a olhar!”

A Condessa calou após ouvir
A face pensativa, inda a mirar-se;
Talvez algum enigma julgasse.
Mas o estranho amante deixou partir.

No espelho demorou-se, indiferente
À Verdade, remota qual paisagem.
Não era a Luz da Alma à sua frente.
Era sombra! Era ilusão! Era miragem!!!

De Everton Alencar²

A ODE TITÂNICA

Caiu-me a alma no meio da rua
E não a posso ir apanhar.”

Mário de Sá-Carneiro

I

Ó alma, despe estas sujas vestes
Ou não terás os manjares celestes!
O Fogo Redentor
Levou-te a Mãe e aos Titãs foste dada;
Ó alma deserdada,
Nasce outra vez no Tríplice fulgor!

II

Do vinho insaciável que bebeste,
Qual abismo sem fundo,
Restou a sede e a Terra que perdeste!
O teu Ser mais profundo
É o infante que corre entre as idades
Colhendo sombras de Antigas Verdades,

III

Tu és o espelho partido em pedaços
Que a Deusa Mãe colheu...

2 Professor da Universidade Estadual do Ceará.

Já não voas. Há sangue nos teus passos;
A vida te prendeu.
Só vês agora o Luar nos vitrais,
E sonhas... mas fecharam-te os Umbrais!

IV

Quando almejas a íngreme subida
Em êxtase o olhar,
A tua sombra prende-te, inimiga,
E te impede que sigas.
Na torre do castelo destruída
O Lobo Negro a uivar...

V

Ó alma, quando nos encontraremos?
Longa e triste é a estrada...
São migalhas apenas o que temos,
Clarões de uma Alvorada!
Da Redenção lembramos que esquecemos,
Ó Alma desfolhada!!!